

Transpolítico – arte em Colômbia 1992-2012

Alessandra Caetano

Resenha de: ROCA, José; SUÁREZ, Sylvia. *Transpolítico – Arte em Colômbia 1992-2012*. Barcelona: Lunwerg Editores, 2012. 193p.

Transpolítico – Arte em Colômbia 1992-2012 se dedica a traçar um panorama ampliado da produção e do pensamento contemporâneo em arte no âmbito latino-americano sem, todavia, limitar-se a abordagens de cunho nacionalista ou panfletário. Reúne registros fotográficos de obras de artistas radicados na Colômbia cujas produções se consolidaram na cena artística internacional entre a última década do século XX e a primeira do século XXI.

O marco temporal, evidenciado desde o título (1992-2012), destaca-se como uma das chaves para o desenvolvimento e organização do livro. Assume não somente um sentido cronológico, mas condensa uma série de transformações socioculturais que desembocam em variados modos atuais do fazer e do pensar em arte no país. Vinte anos que demarcam o que Roca e Suárez caracterizam como um período de reflexões nos diversos campos da produção cultural colombiana – significativamente impactados pelas múltiplas cargas de sentidos e simbolismos (míticos, rituais, religiosos, históricos, políticos, etc.) atribuídos à virada do século.

Imersos neste contexto de transição, os artistas elencados em *Transpolítico* são agrupados em torno da pluralidade da cena artística colombiana recente. Uma diversidade na qual ressaltam o peso sociopolítico contido na década de 90, com destaque para o ano de 1992 – evidenciado na condição de “ponto de inflexão histórica” ao marcar as comemorações dos quinhentos anos do “descobrimento” da América com suas implicações nos campos da arte e da cultura e na organização de seus discursos.

O livro é organizado editorialmente em duas partes. Dois arcos estruturais que determinam sua leitura. A primeira é dedicada a uma apresentação do contexto artístico do período que abrange, com ênfase para as relações entre os papéis desempenhados por artistas, curadores, instituições, espaços e meios (ou não meios) de produção. Expõe as várias instâncias que constituem os caminhos contemporâneos da arte na Colômbia. Remonta paralelos com o cenário nacional nas décadas que antecederam os vinte anos abordados, em especial um deslocamento para segundo plano de discussões sobre arte experimental e arte política sinalizado nos anos oitenta. As aproximações entre a produção artística e eventos da história social e política constituem um dos feixes centrais dessa contextualização.

Para Roca e Suaréz, a década de oitenta marca, no contexto colombiano, uma retomada da abstração – um "neoabstraccionismo" que questiona o status do artista como criador e que conduziu, nos anos noventa, a obras que se voltam para uma atitude autorreflexiva acerca dos meios e da própria condição da arte produzida no país que direciona a aproximações para com questões da arte e da cultura popular, do pensamento científico e da maneira como o poder em suas variadas instâncias (econômica, política, étnica, cultural, sexual, etc.) se manifesta nas diferentes esferas dos discursos culturais.

Ao mesmo tempo, a transição das obras de arte dos espaços das galerias e museus para os espaços públicos urbanos, suas imagens, códigos, superfícies, seus habitantes marginalizados, convocando o espectador para um papel de cocriador, a interação com os temas da vida e da morte, dos ritos de passagem, dos mitos e misticismos, da religiosidade e da escatologia frente a um histórico de mais de cinco décadas de conflitos armados encerra o arco introdutório do livro, dando início a uma apresentação individual das obras e dos quarenta e um artistas retratados nesta coletânea, cada qual apresentado por um texto introdutório e fotografias de suas respectivas linguagens, meios, materiais, objetos, questões e tensões.

Nesse segundo momento do livro nos aproximamos de cada uma das questões inicialmente discutidas no primeiro arco. Os artistas são apresentados em uma sutil afinidade e proximidade (temática, de linguagem, de mídias, etc.), preservando, todavia, suas particularidades e suas respectivas identidades criativas. Tem-se uma linha de leituras que perpassa questões de alteridade, raça e gênero, trançando questões da sexualidade e de corpos em conflito e ameaçados tanto pelo sofrimento, pela dor como pelo medo provocado pela exposição a uma alteridade marginalizada. Estabelecem-se

debates em torno de uma história natural, cultural, social e política do país, em obras nas quais tomam parte as linguagens da fotografia, do vídeo, do desenho, do objeto, da ação, da instalação.

A violência em suas muitas manifestações possíveis (armada, cultural, social, histórica, política, cultural, institucional, etc.), as relações entre a constituição de uma história natural (paisagem natural) e uma história social (paisagem cultural) do país, os marcos de uma identidade cultural (uma “colombianidade”, presente em ritos, mitos, mas também da história social), as relações de poder presentes nas instâncias de etnia, raça, gênero, classe social, instituições (família, religião, museus, etc.) permeiam, de maneira geral, as obras apresentadas, atreladas a questões formais, materiais, linguagens, sinestésias e percepções.

Dentre os artistas apresentados em *Transpolítico*, Doris Salcedo (cujas instalações interligam tragédia pessoal e fenômeno social), Fernando Arias (que aborda temas como sexualidade, conflito, religião, poder, em fotografias de seu próprio corpo), José Alejandro Restrepo (voltado para as possibilidades técnicas e de arquivo do vídeo), Juan Manuel Echavarría (que aborda a dimensão da violência na Colômbia), Maria Fernanda Cardoso (que adota elementos da tradição local, carregados de referências a ritos e mitos, organizados geometricamente), Miguel Ángel Rojas (cujas fotografias voltadas para os conflitos armados assumem tanto uma dimensão documental quanto poética), Oscar Muñoz (que explora fotografia, gravura, instalações, desenho, vídeo, escultura como ferramentas da memória), Oswaldo Macián (que desenvolve instalações que promovem experiência multissensoriais) e Rosemberg Sandoval (que propõem uma agência política da marginalidade) integraram a exposição *CantosCuentos Colombianos – Arte Contemporáneo Colombiano*, que esteve em cartaz na Casa Daros – Daros Latinoamerica, no Rio de Janeiro, de 23 de março a 08 de setembro de 2013.

E, tanto no livro quanto na exposição, reconhecemos um conjunto de estratégias plásticas e poéticas aplicadas sobre materialidades carregadas simbolicamente que delineiam as faces de uma arte contemporânea latino-americana que busca assinalar seu papel e seu lugar no campo internacional da arte. Obras que travam um debate acirrado acerca das implicações e dos sentidos possíveis de uma produção artística em um contexto histórico pós-colonial.

Nesse sentido, *Transpolítico* expõe uma produção em arte ainda fortemente marcada pelos estigmas de uma alteridade geográfica, social, econômica e cultural por conflitos armados, processos desordenados de urbanização, tráfico de drogas, ritualidades ancestrais, discriminação racial, etc., e que faz dessa alteridade sua potência, sua voz e sua matéria no mundo da arte. O livro ressalta uma paisagem artística colombiana enfocada na problematização dos limites e dos mecanismos de poder operantes nos discursos de constituição das noções de identidade, de nacionalidade e de uma arte que se afirma transitando entre o passado e o presente, o internacional e o nacional.

Em *Transpolítico*, essas obras atravessam, permeiam e debatem, assim, os campos, dinâmicas e sentidos possíveis que o termo política assume contemporaneamente. Afirmando ou questionando instâncias, espaços, instituições, mecanismos, dispositivos, almejam e possibilitam repensar a dimensão de ato político que a arte pressupõe enquanto discurso – enquanto agência discursiva –, transpondo-a, transcendendo-a, conduzindo-a a múltiplos patamares simultâneos de reflexão, conforme ressaltado por Roca e Suárez no título do livro.